

## **“Pela Rua”: Análise de uma produção audiovisual independente<sup>1</sup>**

Débora Favretto PINTO<sup>2</sup>

Ilka GOLDSCHMIDT<sup>3</sup>

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó, Chapecó, SC

### **Resumo**

O presente artigo reporta a uma análise do programa de produção independente “Pela Rua” exibido pelo canal OFF. O objetivo foi compreender quais as características de uma produção independente que se mantém no ar por mais de seis temporadas. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo do programa citado, baseada em quatro conceitos: roteiro, formato, linguagem e personagem. O “Pela Rua” é exibido na televisão por assinatura desde 2011 e tem sete temporadas, representando a produção audiovisual independente contemporânea no Brasil.

**Palavras-chave:** Audiovisul; Televisão; Produção Independente;

### **Pela rua: a análise**

O cenário da produção independente vive um momento de crescimento e desenvolvimento no Brasil doravante as novas leis de incentivo e fomento à produção, assim como o avanço tecnológico que facilitou o acesso a equipamentos para o processo de produção. Desta forma, esta pesquisa propõe-se a analisar o conteúdo do programa “Pela Rua” exibido no Canal OFF para encontrar as possíveis características desse tipo de produção contemporânea.

A análise do conteúdo do programa partirá da definição de Fonseca Júnior (2005) que aponta que uma análise de conteúdo é uma análise basicamente de mensagens, e as pesquisas trabalhadas nessa metodologia possuem três características fundamentais:

(a) orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva; (b) transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as ideias de mensagem, canal, comunicação e sistema; (c) metodologia própria, que permite ao investigador programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados. (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 286)

Visualizando o cenário de opções de canais com espaços para a produção independente e as produções inseridas nos canais o programa “Pela Rua” foi escolhido a

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ 04 –Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Recém Graduado do Curso de Jornalismo pela Unochapecó, email: debora\_fp@unochapeco.edu.br.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Mestre do Curso de Jornalismo da Unochapecó, email: ilka@unochapeco.edu.br.

partir da característica fundamental de ser um programa de produção independente. O programa é realizado pela produtora Casa da Árvore. Por ter uma narrativa audiovisual diferencial e também por ser um programa com sete temporadas exibidas, sendo veiculado desde dezembro de 2011. O corpus desta análise é composto por seis programas escolhidos pela regra da representatividade (FONSECA JÚNIOR, 2005). Para generalizar os resultados, entende-se aqui que é possível identificar as características propostas analisando o primeiro programa de cada uma das seis primeiras temporadas. A sétima temporada não é analisada porque foi lançada no segundo semestre de 2015 quando a análise já havia começado. Foram realizadas também quatro entrevistas, três com os produtores do programa, Carlinhos Zodi<sup>4</sup>, Flávio Samelo<sup>5</sup> e Anderson Tuca<sup>6</sup> e uma com um editor Alexandre Jardim<sup>7</sup>.

Os programas selecionados foram assistidos online, na plataforma *on demand* da GloboSat, sendo exibidos sem blocos definidos, pois diferente da televisão que precisa do intervalo para dar o tempo dos patrocinadores, na plataforma online não há sentido em dividir os blocos, já que o espectador de qualquer forma pode avançar o vídeo ou pausá-lo.

### **Canal OFF**

O canal OFF<sup>8</sup>, da GloboSat, é um canal segmentado de esportes radicais que vem crescendo e utilizando produção brasileira. Segundo informações do departamento de *marketing* do canal OFF, a programação é definida por espírito livre e desbravador que convida o telespectador a viver as emoções e desafios de cada personagem, ou dos esportes abordados.

Os conteúdos exibidos são sobre ação, aventura, adrenalina e natureza, assim, conseguem abordar em um só canal conteúdos encontrados, por exemplo, no Multishow, AXN, Sportv, ESPN, Discovery e National Geographic. Além de trazer a relação do homem e a natureza em viagens e momentos de lazer com mais de 100 personagens brasileiros, o canal traz modalidades pouco vistas como: *surfe, skate, wingsuit, kiaiak,*

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Carlinhos Zodi por e-mail. As respostas foram recebidas no dia 19 de maio de 2015

<sup>5</sup> Entrevista com o fotógrafo Flávio Samelo realizada por e-mail. As respostas foram recebidas no dia 21 de outubro de 2015.

<sup>6</sup> Entrevista realizada com o videomaker Anderson Tuca por e-mail. As respostas foram recebidas no dia 23 de outubro de 2015.

<sup>7</sup> Entrevista com Alexandre Silva Jardim por e-mail. As respostas foram recebidas no dia 20 de outubro de 2015.

<sup>8</sup> Site do Canal OFF: <http://canaloff.globo.com/>

*kitesurfe, snowboard, sup, slackline*, mergulho, trilhas entre outros. O diretor do canal OFF, Guilherme Zattar fala<sup>9</sup> para o site Meio e Mensagem sobre o lançamento do canal:

Não vamos acompanhar competições. O Off segue a linha de viagem com aventura, é um canal comportamental, para pessoas com espírito aventureiro. Por conta disso as imagens são lindas, incríveis, explorando a tecnologia HD. [...] Pode atrair alguém de 14 anos e continuar sendo interessante até ele estar com 70. O Off é mais para o espírito da pessoa do que para a idade. Deixando claro que não é exclusivo de jovens, é importante fazer um canal que atraia gente de 50 e 60 anos, desde que com este espírito aventureiro.

O perfil do público do canal OFF é de 67% homens, 78% sendo classes AB1 e 93% com 18 ou mais. A página<sup>10</sup> na rede social *Facebook* do canal OFF tem mais de 1,5 milhões de curtidas. Os objetivos em relação a identidade visual, ainda de acordo com o departamento de marketing, é que haja uma integração absoluta entre som e imagem, poucas palavras e muita ação, conexão entre belas imagens e gráficos, o design deve ser como um pôster, transformar experiências em boas histórias, narrativas devem expressar paixão e ser único.

Guilherme Zattar, ainda em matéria do site Meio e Mensagem, comenta que o canal iniciou em 2011 com 80% da programação com produções internacionais e apenas oito programas nacionais. O objetivo do canal era que em cinco anos pudesse transmitir 50% de conteúdo de produção nacional, basicamente pelo custo das produções brasileiras serem inferiores. Quase quatro anos após a declaração do diretor, segundo o departamento de *marketing*, cerca de 58% da programação é constituída de programas produzidos por produtoras brasileiras e geralmente não controláveis pelo canal.

### **Pela rua: o programa**

O programa “Pela Rua” é uma produção realizada, como visto antes, pela produtora independente Casa da Árvore e exibido pelo canal OFF e na plataforma online do canal<sup>11</sup>. Segundo a definição do produtor Carlinhos Zodi, o “Pela Rua” é um programa metalinguístico que mostra as sessões de skate que acontecem nas ruas e pistas pelo ponto de vista de um fotógrafo, Flávio Samelo e dois *videomakers*, Carlinhos Zodi e Anderson Tuca. Em geral, a produção fica em cargo de Zodi, Tuca e Samelo, além de Alexandre Jardim e uma produtora que auxilia nas produções no exterior. O programa já foi gravado

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2011/12/06/Off-nasce-em-rimo-de-aventura.html#ixzz3q4e7tkMI>

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/canaloff/>

<sup>11</sup> Disponível em <http://globosatplay.globo.com/canal-off/>.

na Califórnia, Barcelona, República Tcheca, Dinamarca, Alemanha, Austrália, Nova York, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Porto Alegre, interior de São Paulo entre outros lugares.

A ideia inicial do programa “Pela Rua” pensada por Carlinhos Zodi, antes mesmo de ter um nome, era de ressignificar espaços urbanos através da ação de skatistas, um programa mais comportamental com a ação do skate de pano de fundo. Segundo Zodi, a produção seria transmitida no canal Multishow, pois o canal OFF ainda não existia. O piloto do programa, é ainda nessa perspectiva. Com a estreia do canal OFF, o foco do programa mudou um pouco, passou a ter mais ação dos skatistas, mostrando mais o esporte em si, focando nas manobras e desafios, devido a proposta do canal. Por ser um programa de produção independente, a reedição por sete temporadas, durante um período de quase quatro anos. Essa característica precisa despertar um novo olhar para o mercado e o telespectador de televisão por assinatura.

Para o fotógrafo e um dos produtores do “Pela Rua”, Flávio Samelo, a permanência do programa, sendo de produção independente, por sete temporadas no canal OFF deve-se ao fato do programa ter uma identidade forte e estabelecida. Não há pesquisas de público específicas para o programa, todavia Samelo acredita que o programa tenha um público variado entre criança, pais e avós, pessoas envolvidas com o skate e pessoas de fora também. Para Anderson Tuca, a permanência do programa é devido ao fato de que ele retrata realmente como é uma sessão de skate, incluindo as dificuldades, o bom humor, essas características fazem com que as pessoas queiram mais.

Tenho certeza que é por causa da identidade muito forte e por ser um programa muito real. A gente é exatamente aquilo ali, não tem ator, não tem invenção, é tudo real e feito na hora, do jeito que aparece ali. Vejo que isso interessa as pessoas de fora do skate também. Acredito também, que o fato de nós três sermos pessoas bem divertidas ajuda bastante também. (SAMELO, 2015)

Os personagens principais do programa são os próprios produtores. Os demais skatistas que aparecem são convidados e escolhidos de acordo com o lugar aonde as gravações acontecem. A cidade para as gravações é escolhida de acordo com os skatistas. De acordo com Samelo, o principal são os skatistas, eles buscam por locais aonde tenham skatistas conhecidos da produção, no entanto, se for escolhido o local e não houver um skatista brasileiro conhecido, eles convidam um amigo que possa se encaixar na ideia e viajar com eles, como foi com programas gravados na Austrália e no Hawaii. Segundo Zodi, é uma combinação de fatores que possam trazer a essência do programa, como

skatistas que andem bem, de estar na rua, de mostrar as sessões de skate. Dentro da linguagem do programa, Tuca ressalta a questão da sintonia entre os três personagens.

Sempre fizemos a mesma receita, claro que zelamos muito pela qualidade de áudio e vídeo, mas teoricamente, analisando a nossa forma de gravar, ela é bem parecida em todos episódios, só ficamos ligados se os três estão na mesma sintonia e se a direção, parte feita por Zodi, concorda com as decisões que tomamos no meio de um dia de gravação. (TUCA, 2015)

O programa é realizado de forma independente, ou seja, a produtora Casa da Árvore não tem qualquer associação com as empresas de serviços de radiodifusão ou com a prestadora de serviço de veiculação do conteúdo. Assim, Zodi garante que o “Pela Rua” tem uma liberdade na linguagem, que a narrativa utilizada pelo programa não sofre influência ou posicionamento da empresa em que o programa é distribuído. No entanto, de acordo com o editor Alexandre Jardim o canal OFF já interferiu em questões da produção, como também, quando o programa é gravado em lugares disformes aos padrões da televisão e o canal solicitou retirar algumas cenas. Referindo-se as interferências do canal OFF, Anderson Tuca as coloca como pequenas alterações.

Já tentaram interferir e foi preciso brigar para assumirem o lado "sujo" do programa. Muitas vezes é gravado em periferias, lugares feios, sujos, barulhentos e onde tudo isso fica bem aparente. Já pediram pra tirar cenas feias, ou barulho de caminhão passando, por exemplo. Mas o programa é assim, e pedimos para não mudar essa característica. Já pediram também para colocar microfones de lapela nos atletas. Um pedido impossível, precisaria de um operador de áudio, e com certeza muitos microfones iriam para o lixo no fim do dia. (JARDIM, 2015)

O fato do canal não interferir no tema dos programas, pautas ou conteúdo dos diálogos e sim na estética e conteúdo das imagens, pode estar ligado à identidade visual adotada pelo OFF, que é de poucas palavras e muita ação adstrito à imagens esteticamente belas e agradáveis aos olhos. Mas ainda segundo Jardim, os produtores permaneceram com a proposta do “Pela Rua” e se sujeitam aos eventuais cortes ou alterações na edição final do programa. O editor ainda garante que, por mais que o canal interfira em alguns momentos, os produtores conseguem ter liberdade de conteúdo, escolha de personagens, locais de gravação e narrativa na edição o que deixa o processo “prazeroso”. Para a exibição a temporada precisa estar com o canal OFF pelo menos um mês antes da estreia, para as possíveis alterações.

Dentro do processo de edição, Jardim tem liberdade de criar a narrativa, encaixar a linguagem, montar o enredo do programa como ele quiser. Os produtores enviam as imagens gravadas para ele que estrutura conforme o estilo do programa. Dessas imagens, os

critérios de escolha dele são o básico, imagem com foco, boa iluminação, estabilidade e manobras perfeitas. Quando é relativo aos diálogos, eles precisam se encaixar ao contexto da história daquele determinado programa. A trilha sonora é determinada a partir do lugar, dos personagens e a modalidade do skate.

### **Pela rua em detalhes**

Para realizar a análise de conteúdo baseada na narrativa audiovisual do programa “Pela Rua”, foram elencados quatro elementos básicos: roteiro, formato, linguagem e personagens. Todos os programas analisados iniciam com uma abertura de nove segundos que permaneceu durante todas as temporadas igual. Os episódios variam entre 24 e 26 minutos sem intervalos comerciais.

#### **Roteiro**

O roteiro será analisado a partir da forma em que o programa é estruturado. É possível aqui compreender que o roteiro é a escrita em imagens e sons. Para isso, também é utilizado uma narrativa, ou seja, subjetivamente no roteiro é possível encontrar pensamentos e traços da produção e filosofias. Moletta diz que o roteiro “é um guia de ação visual e sonora utilizado para contar uma história e transmitir uma experiência humana. [...] o roteiro trabalha três elementos básicos: ação, espaço e tempo.” (2009,p. 35-36). Ainda segundo o autor, todo roteiro carrega o pensamento, ou reflete as ideias de quem o escreveu/estruturou, portanto, nas “entrelinhas”, subentendido, o roteiro de um programa pode conter uma crítica social, ou mesmo uma reflexão pessoal. Assim, se o programa se chama “Pela Rua” e é estruturado a partir de imagens da rua, a ideia de quem escreveu o roteiro provavelmente é mostrar que encontramos mais na rua do que imaginamos.

Compreende-se que o roteiro do primeiro programa da primeira temporada é um roteiro estruturado em diferentes locações. A construção e a organização da montagem do programa foi baseada nos locais das gravações. Há pelo menos quatro locais diferentes em que o programa é gravado, além das casas dos três personagens principais. Desses quatro locais, há uma praça, uma pista de skate, um shopping e uma fábrica abandonados. Em entrevista Zodi (2015) diz que a ideia do primeiro programa era de ressignificar espaços urbanos a partir do olhar do skate. Assim, principalmente nos dois locais abandonados há algumas falas dos personagens refletindo sobre aquele espaço. Na sequência dentro do shopping abandonado Carlinhos Zodi operando a câmera fala que está chocado com a situação do local, o skatista convidado Klaus Bohms reflete sobre o ambiente: “é chocante”, Flávio Samelo compara com o filme de ficção científica Mad Max, que narra sua história

em um tempo pós apocalíptico: “é o Mad Max *alive*. Os caras acham que São Paulo...essas paradas. Tá aí ó, um shopping abandonado.” Ainda Samelo complementa: “é muito foda cara. Depois você sai daqui e fica repensando as paradas, dos lugares que você vai depois, sabe. Shopping, casas maravilhosas, e você vê isso aqui.” Bohms continua: “É material. Era tudo muito bonito, mas acaba.” Nada muito longo, e que em sequência mostra imagens do local que acompanham a reflexão dos personagens chamando a atenção para o abandono e má utilização de espaços urbanos hoje em dia.

Na segunda temporada, no primeiro programa, é possível notar que o fio condutor do roteiro são os locais onde ocorrem as sessões de skate, mas agora os espaços não são necessariamente vistos a partir da ideia de ressignificar o local com a ação do skatista. A sessão de manobras é realizada e os comentários sobre os locais geralmente são baseados no desafio que é para o skatista andar naquele local. Nos demais programas analisados das temporadas seguintes é possível encontrar a mesma estrutura. Nas entrevistas, tanto Samelo como Tuca, quando questionados sobre o roteiro, afirmam que antes de mais nada os locais e os personagens são escolhidos. Se for para viajar, a cidade é escolhida e o skatista convidado é quem vai direcionando os lugares que podem proporcionar boas manobras.

Na análise não foi encontrado um padrão de assunto por programa, além, é claro, do skate. O skate é retratado basicamente pela dificuldade de executar uma manobra, sobre como o skatista desempenha o trajeto da manobra, há geralmente comentários sobre as pistas ou cidades, até sobre o trânsito, as paisagens por onde passam e também sobre os equipamentos, ou a forma como um cena é gravada.

A partir da definição de Moletta (2009) que diz que um roteiro tem a ação, o espaço e o tempo, que por sua vez, juntos contam uma história. Pode-se dizer que a ação encontrada no “Pela Rua” é a ação dos skatistas convidados que praticam um esporte, mas também é a ação da produção, pois o programa também mostra como as cenas são gravadas, os equipamentos usados e a relação entre Zodi, Tuca e Samelo. Esses elementos da ação é que fazem com que a história seja contada e mantém o público atento ao que pode acontecer. A ação cria expectativas.

### **Formato**

A definição de formato por ser vista como a organização da expressão de uma obra. Aumont (2012), utiliza o termo forma, que para ele, é “enumeração de meios representativos e expressivos próprios ao cinema: enquadramento móvel e de tamanho variável, montagem e ritmo, movimento e velocidade, iluminação, valores e contrastes.”

(AUMONT, 2012, p. 134). Para Bonasio (2002) o formato de um programa de televisão são os moldes nos quais se estabelece a estrutura e estilo do programa. Ou seja, o roteiro é a estrutura e o formato são os moldes para essa estrutura. Formato refere-se às características gerais encontradas nos programas.

O “Pela Rua” apresenta sessões de skate, ou seja, um esporte. Para Souza (2004) o formato esporte, pode ser encaixado na categoria entretenimento, informação, e por algumas vezes educação. A TV por assinatura há canais específicos de esportes, e muitos deles segmentados em determinados esportes, como o caso do canal OFF que transmite o programa “Pela Rua” e que segmenta os programas principalmente em esportes que tenham contato direto com a natureza. Alguns formatos presentes em programas esportivos são características no gênero telejornalismo, de documentário e formato de debate.

O formato de um programa é o molde para o roteiro que foi montado. Todos os programas iniciam com a abertura de nove segundos sinalizando qual programa está começando. Geralmente, os programas começam com um dos personagens dentro de um carro indo encontrar alguém da produção e depois é que eles encontram com os personagens convidados e que normalmente já estão no lugar aonde acontecerá a sessão de skate. Desse formato de abertura, dos seis programas analisados, apenas o primeiro da quarta e da sexta temporada não começaram desta maneira. O quarto começa já em uma sessão de skate em Florianópolis e o sexto começa com a produção mostrando que está em Nova York.

No primeiro programa da segunda temporada, o roteiro também foi baseado em lugares da cidade de Curitiba e três skatistas foram convidados. No entanto, percebe-se que cada lugar um skatista foi destacado, o motivo pode ser a dificuldade de as manobras em cada lugar específico e para não perder tanto tempo no dia da produção. Um formato que não foi utilizado no primeiro programa analisado, no qual um skatista foi destaque, e que em dois locais diferentes ele chamou dois skatistas diferentes para acompanhar a gravação. Sendo intencional ou não, criou-se um dinamismo diferente do que foi produzido anteriormente. Mudar o formato pode criar expectativa para o telespectador de que ele pode esperar por coisas diferentes, por mais que o roteiro seja praticamente o mesmo em todos os programas.

Durante o programa, como tratado antes, Flávio Samelo fotografa e esporadicamente faz vídeos. As fotos feitas por Samelo aparecem muitas vezes no meio do programa, o que acontecia mais nos primeiros dois programas das primeiras temporadas e a partir da segunda temporada as fotos passaram a aparecer menos durante o programa, cerca de quatro



ou cinco, e passaram a aparecer mais no final. Antes as fotos eram mais das manobras, depois que passaram para o final em preto e branco, as fotos são os bastidores do que aconteceu nas gravações.

O ritmo de montagem do programa é variado, mas os *takes* não chegam a ser longos e cansativos. Percebe-se que, muitas vezes, algumas imagens são postas pelo conteúdo mesmo que a estética fotográfica não pareça a melhor. Quando aparecem *takes* apenas para visualizar a cidade em que a produção está eles são mais curtos e estáticos, se são de dentro do carro eles são mais longos com a câmera estática deixando apenas o movimento do carro conduzir o *take*. Durante as manobras, alguns *takes* têm a velocidade reduzida (*slow motion*), que pode ser visto como uma linguagem além de formato, mas que expressa a complexidade da manobra que, normalmente, é seguida por um *take* de outro ângulo, mas do mesmo momento.

Um adendo à estética fotográfica. No primeiro programa da terceira temporada é possível notar uma alteração no padrão da fotografia, se comparado com os outros dois primeiros programas analisados. Alguns *takes* ficaram mais longos com movimentos suaves, nota-se nesse programa o uso de um equipamento chamado *slider*, em que a câmera desliza sobre uma espécie de pequenos trilhos, o que poderia justificar as imagens diferenciadas, já que geralmente as imagens do “Pela Rua”, pelo que pode ser visto nos programas, são feitas com a câmera na mão, monopé, tripé e *steadicam* simples.

Compreende-se assim que no “Pela Rua”, em todas as temporadas analisadas, o formato se mantém, definindo um padrão para o programa. Ou seja, as características gerais do programa dificilmente são alteradas, é alterada apenas a ordem dos acontecimentos, por exemplo, em todos os programas analisados há imagens de dentro do carro em que Tuca, Zodi e Samelo, deslocando-se para algum lugar, mas nem sempre essas imagens são apresentadas no início do programa. Essa maneira de formatar o programa cria no telespectador a sensação de que a câmera está o tempo todo ligada acompanhando a rotina dos personagens.

## **Linguagem**

A linguagem audiovisual é constituída por um elemento base que é a imagem. A partir de movimentos de câmera, os enquadramentos escolhidos, elementos de composição como cenário, trilha sonora mais a imagem, formam a linguagem da produção. É a linguagem que deixará o programa mais dinâmico ou monótono e que possibilita dá

elementos de “escrita” para que produz e conseqüentemente elementos de “leitura” para o telespectador.

“Ver um filme antes de tudo é compreendê-lo, independentemente de seu grau de narratividade. É portanto, que, em certo sentido, ele “diz” alguma coisa, [...] se um filme comunica um sentido, o cinema é um meio de comunicação, uma linguagem.” (AUMONT, 2012, p. 178). É possível traduzir a fala de Aumont da seguinte maneira: ver um programa de televisão antes de tudo é compreendê-lo, independente do grau de narratividade. Segundo Renó (2012), as produções audiovisuais são construídas por meio de uma linguagem própria que vai além da forma oral e da forma escrita, que utiliza-se de elementos artísticos e estéticos para passar a mensagem. Ou seja, a linguagem audiovisual é uma forma de escrita em imagens. Portanto, cada elemento que compõe um programa, provavelmente contém uma mensagem.

A linguagem do programa “Pela Rua” é um dos itens mais ricos dessa análise. O produtor Carlinhos Zodi, afirma que o programa tem uma “característica metalinguística”. Dos programas analisados foi possível observar alguns pontos fortes encontrados em todas as temporadas.

Imagem 1

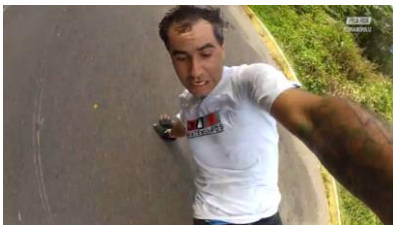


Imagem 2



As imagens 1 e 2 mostram cenas do primeiro programa da quarta temporada gravado em Florianópolis. Nesse programa os convidados são os integrantes da família Yuppie que pratica uma modalidade do skate chamada *downhill slide*. Durante as gravações desse episódio os produtores mostram-se aflitos em como conseguir gravar essa modalidade do skate já o skatista desce uma ladeira em alta velocidade. Uma das linguagens utilizadas pelo programa que são as chamadas câmera de ação. A câmera de ação (GoPro) é geralmente utilizada em esportes radicais acoplada ou no atleta ou em um dos equipamentos que possa mostrar imagens que não poderiam ser feitas de outra maneira e ao mesmo tempo mostrar ângulos que, muitas vezes, não podem ser observados mesmo por pessoas que estão assistindo uma competição, por exemplo.

Outra linguagem utilizada, que pode ser vista nas imagens 3 e 4, é a lente olho de peixe e também a forma como Tuca utiliza o skate para acompanhar os skatistas convidados

realizando as manobras. A lente é responsável pela perspectiva visual que o telespectador terá no quadro da televisão. Essa linguagem, da lente olho de peixe, permite ao telespectador vivenciar a prática do skate de uma maneira diferente da habitual, pois ela consegue oferecer um ângulo mais extremo com linhas curvadas. Geralmente, essas imagens também formam o plano geral fechado, que consegue mostrar a ação do atleta em relação ao espaço que ele está. É possível notar que os planos trabalhados no “Pela Rua” sempre localizam o espectador com o espaço em que ocorrem as ações.

Imagem 3



Imagem 4



Em um mesmo programa, o primeiro da sexta temporada que foi gravado em Nova York, nota-se o uso constante da imagem desfocada em primeiro plano e focada em sequência, como é possível observar nas imagens 5, 6, 7 e 8. Esse processo pode fazer com que o telespectador preste mais atenção no objeto que está sendo focado, pois o foco consegue trazer o objeto para mais perto ou deixa-lo mais longe e esse movimento feito em poucos segundos provoca o olhar do telespectador a ver a imagem de formas diferentes mesmo sem precisar movimentar a câmera.

Imagem 5



Imagem 6



Imagem 7

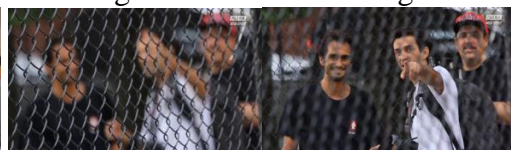


Imagem 8

Na imagem 9, percebe-se o uso de artes gráficas, neste caso, uma brincadeira com a locação do primeiro programa da primeira temporada, que tinha aspectos de um cenário de jogos de combates. Como visto no item Roteiro, o programa piloto fez algumas reflexões sobre a má utilização de espaços urbanos. A imagem 9 é referente a uma sequência de uma brincadeira, mas que pode ser levada como outra forma de reflexão, mesmo sem diálogos, em que a comparação com o cenário de combate faz o telespectador repensar aquele espaço. Os gráficos são utilizados como uma linguagem alternativa para dar informações como nome de manobras, identificação de locais, pessoas e ainda indicar a passagem do tempo. Esse tipo de ferramenta, ajuda a manter a atenção do expectador e a criar sensações. Cria-se

também um padrão gráfico com o estilo de caracteres. Bonasio (2002) caracteriza o visual gráfico como um efeito de comunicação de mensagem e que precisa ser esteticamente agradável.

Imagem 9



A trilha do programa é outra forma de linguagem identificada. De acordo com Rodrigues (2002), a trilha de fundo ajuda a estabelecer o clima ou a atmosfera do programa. Como visto anteriormente, a trilha sonora do “Pela Rua” dialoga com as imagens e principalmente com o local e o que acontece no *take*, percebe-se que a trilha entra como um complemento do plano utilizado para gravar a cena, completa o ambiente. Se a gravação é a rua, a trilha cria a atmosfera da rua. Nem sempre é para ressaltar a emoção e por algumas vezes a letra é quem dialoga com o personagem ou com a situação. Um exemplo, é o primeiro programa da quinta temporada gravado em São Paulo, em que Zodi, Samelo e Tuca vão gravar no centro da cidade, e enquanto estão no carro deslocando até lá a trilha roda com a música “Cidade com nome de santo” do *rapper* Ogi que com a letra “era uma cidade com nome de santo, que atraía todos para nela morar [...] quem não conhece bem tem medo, se assusta com a sua imensidão, mas eu vou desvendar os seus segredos, nos próximos fatos que virão” dialoga com o nome da cidade, as imagens da rua e os próximos fatos que virão, neste caso, a sessão de skate.

Percebe-se então, que antes de mais nada, as linguagens encontradas no “Pela Rua” são mensagens para que o telespectador olhe para a rua de forma diferente. O programa consegue trazer através das imagens um olhar segmentado da vida de quem está relacionado com o skate, mas também em uma linguagem que permite quem não conhece o esporte se envolver com os personagens, estilo de vida, manobras e momentos de descontração.

## Personagens

O personagem, de acordo com Ramos (2013), é um ator social no qual a atuação dele contribui para a construção fílmica. O termo ator social, vem da ideia daquele que representa algo na sociedade, um protagonista de mudanças na sociedade e que merece ser

mostrado. O ator social como aquele que constrói um personagem e pode ser chamado assim, pois dos documentários que a autora analisa, todos os personagens tem algo em comum: o querer se encaixar no filme. Mesmo que inconsciente, há em frente as câmeras um modo de agir. É um personagem real, é um personagem de si mesmo, que inconsciente, atua para câmera, mesmo que seja apenas cuidando para não falar errado, para não pôr a própria imagem à mercê do julgamento dos espectadores.

O personagem é em si uma representação social. Ele consegue ser a construção de si mesmo para as câmeras. Geralmente ele é gravado em um plano que o represente, a construção do personagens é uma soma do ambiente, dos diálogos. No caso do “Pela Rua”, os personagens principais, Zodi, Tuca e Samelo, estão sempre presentes. Em nenhum dos programas analisados algum dos personagens faltou.

Uma característica também encontrada no formato e que pode ser encaixada na linguagem do programa “Pela Rua”, mas que refere-se basicamente aos personagens, são as constantes cenas em que a produção aparece. Como dito pelos produtores e notado nessa análise, eles mesmos são os personagens principais, ou seja, os personagens principais aparecem sendo personagens, com a vida pessoal em vídeo, e também sendo produção, quando aparecem as ideias para gravar, ou como as imagens são feitas, câmeras e equipamentos.

Na imagem 10, do primeiro programa da primeira temporada, nota-se que Flávio Samelo conversa para a câmera. É possível assim, refletir sobre dois aspectos: o primeiro é sobre o personagem que encena para a câmera, mesmo que ele esteja encenando a realidade. Como dito por Ramos (2013), no momento em que o personagem age ou dialoga diante da câmera, ele necessariamente está encenando, mesmo que no inconsciente. Assim, Samelo como personagem e tendo características de apresentador está representando para a câmera a própria personalidade. Um tipo de linguagem e formato adotados pelo programa. Formato no qual os personagens conversam com a câmera de forma que falam com o telespectador e entre si. E isso se torna uma linguagem que dinamicamente faz com que o telespectador sintá-se parte da conversa. O segundo aspecto é a ideia de Bonasio (2002) do olho no olho. É a ilusão de fazer o contato visual com o telespectador. A televisão é, de certa forma, uma mídia muito íntima, pois geralmente está em espaços de intimidade da casa, como quartos e salas, e é essa a sensação criada no programa, a de se sentir íntimo com os personagens principais.

Imagem 10



Dos personagens convidados é possível pensá-los como atores sociais quando estão em espaços urbanos andando de skate, ou mesmo por serem atletas, que estão promovendo uma mudança no cenário em que a sessão de skate é gravada. No programa piloto os skatistas convidados são Klaus Bohms e outros dois amigos dele que participam nas sessões de skate. O skatista Bohms, no programa piloto, apareceu logo nos primeiros minutos se deslocando para encontrar Tuca, Zodi e Samelo, uma narrativa que não foi encontrada nos outros personagens convidados dos programas analisados. Essa montagem pode ser uma característica apenas do programa piloto, pois sendo piloto Zodi, Tuca e Samelo também precisavam ser apresentados ao telespectador. Nos demais programas é a produção quem sempre aparece se deslocando para encontrar os convidados.

Na quarta temporada, o primeiro programa é gravado em Florianópolis e nesse os personagens convidados são a família Yuppie, que entre os programas analisados é a única família que aparece. O primeiro programa da quinta temporada tem como convidado o skatista Marcelo Foguinho. Enquanto Foguinho não chegava os skatistas Léo Grau, Ricardo Santo realizaram as sessões, nesse programa também, Zodi, Tuca e Samelo comentam ao gravarem em uma praça que andavam de skate quando mais jovens, Samelo diz “nossa, lembra Tuquinha, nós ficávamos ali o dia inteiro, a tarde inteira” e Zodi complementa “mano, imagina quantos moleques já passaram por ali desde a época que a gente andava e tem vários moleques que vão passando, andando e andando e a gente já nem conhece mais”, esse diálogo pode ser considerado como um dos aspectos que da produção em relação ao skate.

Os produtores, em todos os programas, demonstram-se íntimos e ligados ao esporte, o que pode refletir uma nova geração da produção de programas segmentados e independentes. Produções que iniciam a partir de pessoas ligadas ao assunto. Assim, a narrativa, a linguagem, o enredo, ficam mais fáceis de serem pensados e de conquistar o público segmentado. O primeiro programa da sexta temporada é gravado em Nova York. Os convidados são os skatistas Rafael Gomes, Spiro Raziz, Fred Gall e Marcelo Duarte.

Nota-se que esses personagens não são convidados para falar de quem são, ou da vida pessoal, especificamente. Características da rotina ou vida dos personagens aparecem, geralmente, se estão ligadas ao esporte. Independente do skatista convidado, reconhecido ou não, ele é chamado para uma sessão de skate. Em nenhum dos capítulos analisados foi realizada uma entrevista com o convidado, por exemplo, e entre os skatistas convidados, o mais reconhecido no skate é Bob Burnquist, que aparece no primeiro episódio da terceira temporada. Diferente do que geralmente acontece, no “Pela Rua”, Burnquist não é entrevistado formalmente como é em programas em que o entrevistador fica sentado próximo ao entrevistado e conversa. O que chama a atenção é a forma como o programa não traz a fama de Bob como um peso para ele estar ali ou de qualquer outro skatista.

## Referencial

AUMONT, Jacques. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas, SP. Papyrus, 2012.

BONASIO, Valter. **Televisão: manual de produção e direção**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2002.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise do conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Metódos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

JARDIM, Alexandre. Questões TCC [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <debora\_fp@unochapeco.edu.br > em 20 de outubro de 2015.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo**. São Paulo: Summus, 2009.

RAMOS, Clara Leonel. **A construção de personagem no documentário brasileiro contemporâneo: autorrepresentação, performance e estratégias narrativas**. São Paulo: C. L. Ramos, 2013.

RENÓ, Denis Porto. **Cinema documental interativo e linguagens audiovisuais participativas: como produzir**. Tenerife, 2012. Disponível em: <[http://www.ull.es/publicaciones/latina/067/cuadernos/09\\_Denis\\_interior.pdf](http://www.ull.es/publicaciones/latina/067/cuadernos/09_Denis_interior.pdf)> Acesso em: 14/09/2015

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

SAMLEO, Flávio. Questões TCC [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <debora\_fp@unochapeco.edu.br > em 21 de outubro de 2015.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

TUCA, Anderson. Questões TCC [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <debora\_fp@unochapeco.edu.br > em 23 de outubro de 2015.

ZODI, Carlinhos. Questões TCC [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <debora\_fp@unochapeco.edu.br > em 19 maio 2015.